



## Opinião Econômica

Rodrigo Zeidan

Professor da New York University Shanghai (China) e da Fundação Dom Cabral. É doutor em economia pela UFRJ



# Mercados seguraram Trump; por enquanto

## Presidente dos EUA pode ameaçar a China, mas não tem como retaliar investidores

A hipótese mais provável para Donald Trump ter recuado nas tarifas globais é que se curvou à disciplina do mercado de títulos públicos. Se os juros dos títulos americanos de 30 anos continuassem subindo, era provável que o processo de latino-americanização dos Estados Unidos se acelerasse, com crise cambial e financeira que só poderia ser evitada pelo Federal Reserve. Mercado acionário não é nada perto do mercado de títulos.

Por um breve momento na terça-feira (8) de noite, os juros implícitos nos preços dos títulos de 30 anos dos EUA passaram dos 5%, assustando os mercados mundiais. Se isso disparasse um comportamento de manada, poderia

desencadear uma crise financeira global. Afinal, não é todo dia que papéis americanos pagam mais que os da Grécia, país sem autonomia monetária e com a segunda maior dívida pública do mundo, quase 170% do PIB.

Algo semelhante aconteceu no Reino Unido em 2022. Liz Truss anunciou um Orçamento visto como absurdo e os juros dispararam, gerando medo de quebra de fundos de pensão e outras instituições financeiras. Só não foi pior porque seu governo acabou caindo. Ela durou somente 45 dias no poder, o mais curto período de um governante na história do país.

Muitos vivem de repetir que os mercados odeiam os gover-

nos de esquerda, e os “rentistas” agem contra eles. Lula já cansou de ironizar reações do mercado a qualquer fala sobre mudanças de gastos públicos, e não falta gente dizendo que esse tal mercado age propositalmente contra o governo. É tudo balela.

Investidores, privados ou institucionais, querem ganhar dinheiro ou se proteger de oscilações de câmbio, juros ou inflação. Quando governos fazem medidas ruins, a reação não é coordenada: com milhões de opções pelo mundo, retira-se dinheiro de país fazendo besteira. Os EUA estão aprendendo isso na marra.

Mercados não têm ideologia. O dólar é a moeda mundial

porque investidores confiam, ou confiavam, que a economia americana continuaria sendo o alicerce da PIB global e se manteria estável para investimentos de longo prazo. O poder militar é muito menos importante que a pujança da economia dos EUA, mais de 1/4 do PIB mundial e de onde vêm as principais inovações tecnológicas.

Mas confiança pode ser quebrada. O Brasil que o diga. Não são rentistas trancados numa sala como Illuminati que decidem que os juros são altos no Brasil. Pagamos caro porque criamos regras e descumprimos um ou dois governos depois. Lei de Responsabilidade Fiscal? Teto de gastos? Regra de ouro? São

alguns exemplos de arcabouços que caíram ou foram mutilados (tanto pela esquerda quanto pela direita). Não existe país sério com novo marco fiscal a cada década.

Trump pode ameaçar a China, mas não tem como retaliar os mercados. Só quem pode pará-los é Jerome Powell, presidente do Fed. Em 1980, Paul Volcker resolveu acabar com a inflação americana quase que por decreto, já que o Congresso não fazia nada. E conseguiu. Em 1980, a taxa de juros básica americana chegou a 20%, jogando a economia em uma recessão profunda (e destruindo economias mal gerenciadas, como o Brasil, por tabela). Powell provavelmente faria o mesmo para estancar uma crise financeira global. O custo seria monstruoso. Mas a disciplina dos mercados segurou Trump. Por enquanto.



Quem tem conta empresarial  
Banrisul agora tem limite turbinado  
do cartão Banricompras Empresas.



## Comitiva do RS debate renegociação de dívidas em Brasília



Claudio Medaglia  
claudiom@jcrs.com.br

O secretário do Tesouro Nacional, Rogério Ceron, e o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, receberam hoje, em Brasília, uma comitiva com representantes do agronegócio gaúcho para tratar sobre a renegociação das dívidas do setor. Eles foram designados pelo ministro Fernando Haddad, que deveria participar, mas acabou adiando o encontro para o dia 23, em virtude de um compromisso com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

As propostas em pauta são a apresentada pelo governo do Estado, de uso de recursos do Fundo Social para suportar o alongamento do prazo de pagamento, e de securitização das dívidas. A suspensão da cobrança das parcelas com vencimento em abril e o

adiamento até outubro também é considerada fundamental para viabilizar a construção de uma solução e o encaminhamento de todas as etapas no Congresso Nacional e no Executivo.

A reunião, agendada para o final da manhã, deverá contar com as presenças de Gedeão Silveira Pereira, presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), e Ruy Silveira, da assessoria econômica da entidade. Também participarão representantes

da Organização das Cooperativas do RS (Ocergs), da Aprosoja-RS, das associações das Empresas Cerealistas do RS (Acergs) e do Brasil (Acabra), da Federação das Associações de Arrozeiros do RS (Federarroz), da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no RS (Fetagr-RS) e da Federação das Cooperativas Agropecuárias (Fecoagro-RS). Ainda, parlamentares da Assembleia Legislativa gaúcha e os senadores Luis Carlos Heinze (PP/RS) e Hamilton Mourão (Republicanos).



Grupo será recebido pelo secretário do Tesouro Nacional, Rogério Ceron

## Exportações do agro em março sobem 12,5% ante o mesmo mês de 2024

As exportações brasileiras de produtos agropecuários alcançaram em março US\$ 15,64 bilhões, informou o Ministério da Agricultura, em nota. O valor é o segundo maior para o mês e 12,5% superior ao obtido em março de 2024, o equivalente a um aumento de US\$ 1,74 bilhão ante os US\$ 13,09 bilhões registrados um ano antes. O setor representou 53,6% dos embarques totais do País no último mês, em comparação com 50,3% de março de 2024.

O resultado positivo da balança comercial foi impulsionado, em grande parte, pelo aumento do volume exportado, de 10,2%, e da alta do índice de preços dos produtos embarcados, de 2,1%, disse o ministério.

“Esses números confirmam que estamos promovendo o crescimento do agro com responsabilidade, sustentabilidade e com os olhos voltados para novos mercados e oportunidades para produtos com maior valor agre-

gado”, ressaltou o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro.

Os principais produtos exportados no mês foram soja em grãos (US\$ 5,7 bilhões, +7%), café verde (US\$ 1,4 bilhão, +92,7%), carne bovina in natura (US\$ 1,1 bilhão, +40,1%), celulose (US\$ 988 milhões, +25,4%) e carne de frango in natura (US\$ 772,3 milhões, +9,6%). Juntos, representaram 83,9% de tudo o que foi exportado pelo agronegócio brasileiro no último mês.

O desempenho das exportações do agronegócio de março foi puxado pelo aumento no valor exportado de soja em grãos, café verde, carne bovina in natura, celulose, carne de frango in natura, açúcar de cana, farelo de soja, algodão, suco de laranja e carne suína in natura. O ministério ressaltou, ainda, a exportação recorde no mês de café solúvel, miúdos bovinos, óleo essencial de laranja, pimenta-do-reino e rações para animais domésticos.